



<http://www.unifafibe.com.br/revistalettrasfafibe/>

ISSN 2177-3408

KAIRO ADRIANO RIBEIRO DE CARVALHO

GRAMÁTICA, GRAFEMÁTICA E HISTÓRIA

BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2013

KAIRO ADRIANO RIBEIRO DE CARVALHO

GRAMÁTICA, GRAFEMÁTICA E HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2013

Carvalho, Kairo
Gramática, Grafemática e História/ Kairo Adriano
Ribeiro de Carvalho. --Bebedouro: Unifafibe, 2013.
37 f. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras
/ Espanhol– Centro Universitário Unifafibe, Bebedouro, 2013.
Bibliografia: f. 37

1. Fonemas Sibilantes. 2. Gramática História. 3. Linguísticas
I.Titulo.

KAIRO ADRIANO RIBEIRO DE CARVALHO

GRAMÁTICA, GRAFEMÁTICA E HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador : Prof. Dr. Rinaldo Guariglia
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

Membro Convidado: Prof. Ms. Mateus Cruz Maciel de Carvalho
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Antonia de Carvalho, que sempre valorizou minhas conquistas e, também, manteve-se presente em todos os instantes em que a carga me pesara. Assim, ela soube dizer as palavras adequadas e erguer-me com demonstrações de afeto, determinação e persistência. A ela também agradeço pela orientação e visão construída sobre meu pai, pois, apesar de não conhecê-lo, aprendi a amá-lo pelas palavras e descrições daquela que me alimentou com seu sangue quando feto;

Portanto, grato sou ao meu pai que, mesmo com sua ausência, muito me ensinou sobre os valores da vida e, dentre eles, a dedicação com a qual devemos guiar nossa existência, já que sua integridade, caráter, responsabilidade e senso de justiça são largamente descritos por minha progenitora;

Aos meus mestres do ensino médio, os quais foram peças fundamentais para determinar minha vida profissional. Porém, dentre eles, merece destaque a professora Solange Maravai, a tenente disciplinar e motivadora. Essa profissional muito me motivou e foi a principal responsável pela escolha dessa graduação;

Ao prof. Dr. Phablo Fachin que também me influenciou profissionalmente e mostrou-me o mundo da pesquisa e sua importância para a vida do estudante;

Ao meu orientador, prof. Dr. Rinaldo Guariglia, que, embora não tivesse grande domínio sobre a área de Gramática Histórica, me acolheu e respeitou a escolha que havíamos feito pela área acima citada. Assim, durante a execução da pesquisa, esse guerreiro se mostrou atencioso, acessível e prestativo;

Aos demais professores do Curso de Letras, porque sempre se puseram abertos aos nossos pontos de vista e souberam respeitar a heterogeneidade de interesses acadêmicos existentes em minha sala;

Aos meus colegas de sala que muito me ensinaram com sua maneira diferente de entender a vida e a forma como se deve conduzi-la. Dentre eles, destaco ainda que sem grande importância para tal distinção, aos amigos Rafela Donná, Jeane Candido, Beatriz Baffi e Flávio Ferraz, pois foram pessoas com as quais mais tive vínculo de afeto;

Por fim, agradeço a Deus, porque sem sua força e atenção nada disso teria acontecido.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade investigar o uso dos grafemas sibilantes, surdos e sonoros, durante o século XVIII, isto é, delimita-se a pesquisa em documentos datados de 1760 a 1778, os quais, por sua vez, estão localizados e editados no livro “Caminhando mato adentro”. Trata-se de uma pesquisa histórico-comparativa de cunho filológico, pois visa ao estudo descritivo no uso dos grafemas durante o período mencionado. Sendo assim, busca-se encontrar alguma tendência para as escolhas grafemáticas e, até mesmo, elaborar um quadro com o maior número de ocorrência deste ou daquele caso. Logo, busca-se estabelecer alguma correspondência entre as grafias do século em estudo e a do português atual. A pesquisa adquire maior importância ao sabermos da superficialidade com que as gramáticas históricas tratam o tema. Sendo assim, temos a necessidade de melhor esclarecer os processos históricos pelos quais a língua passou, já que são temas pouco explorados nas ditas gramáticas e que, se bem explorados, podem contribuir, significativamente, para ensino de língua. Portanto, os resultados da pesquisa podem auxiliar tanto professores de língua materna quanto graduandos de letras. Além de contribuir com estudos sobre História da Língua Portuguesa, já que se utilizam critérios filológicos para desenvolver a pesquisa. Salienta-se que o material de base, os documentos do livro especificado, apresenta tipologia e autores diversos, o que nos propicia uma visão mais abrangente do estado da língua naquele período.

Palavras-chave: Gramática Histórica. Sibilantes. Documentos século XVIII.

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo investigar el uso de las sibilantes gráficas, desvoceadas y voceadas, durante el siglo XVIII, o sea, se delimita la búsqueda en documentos fechados desde 1760 hasta 1778, los cuales, a su turno, están localizados y editados en el libro “Caminhando mato adentro”. Se trata de una búsqueda histórico-comparativa de característica filológica, pues trata de analizar el estudio descriptivo en el uso de los grafemas durante el plazo mencionado. Así, se busca encontrar alguna propensión para las elecciones grafemáticas y, aun desarrollar un cuadro con el número de apariciones de uno u otro caso. Luego, se quiere establecer alguna correspondencia entre las grafías del siglo dicho anteriormente y el nuestro, el siglo XXI. La búsqueda adquiere más importancia al saber de la superficialidad con que las gramáticas históricas tratan el tema. Por lo tanto, tenemos la necesidad de mejor aclaración de los procesos históricos por los que la lengua pasó, puesto que son temas pocos explorados en las dichas gramáticas históricas y que, si bien explorados, pueden contribuir, significativamente, para la enseñanza de la lengua. Así, los resultados de la búsqueda pueden ayudar tanto a los profesores de la lengua materna como a los estudiantes de letras. Además de contribuir con los estudios sobre la História de la Lengua Portuguesa, ya que se utiliza de criterios filológicos para desarrollar la búsqueda. Se resalta que el material de base, los documentos del libro especificado, presenta tipología y autores diversos, lo que nos da una visión más amplia del estado de la lengua en aquel período.

Palavras clave: Gramática Histórica. Sibilantes. Documentos del siglo XVIII

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1 Visão histórica dos processos	10
1.1 Da história da língua.....	11
1.1.2 Desenvolvimento do Português enquanto língua oficial do Brasil	14
2 Evolução e emprego das sibilantes <s> e <z>, desvozeada e vozeada	16
2.1 Traços distintivos do galego-português para o português.....	16
2.2 Das regras gramaticais do período	19
2.2.1 Emprego de <c>, <ç> ou <s>.....	20
2.2.2 Uso de <s>, <ss> e <z>.....	21
2.3 Apresentação dos dados.....	22
3 Considerações Finais	35
Referências	37

INTRODUÇÃO

O trabalho da área de História da Língua Portuguesa e Gramática Histórica com enfoque na ortografia da língua materna baseia-se em documentação do século XVIII e objetiva gerar fontes para os estudos sobre a história da língua portuguesa. Escolheu-se como objeto de pesquisa os documentos, já editados, do livro “Caminhando mato adentro”, no qual estão localizados documentos de tipologia diversificada e que datam de 1760 a 1778.

A análise dos documentos tem por finalidade encontrar fenômenos linguísticos que estejam delimitados na ortografia, isto é, são fenômenos variáveis na grafia de nossa língua no período em questão. A exemplo desses fenômenos podemos citar o uso de grafemas vocálicos < e > < i >, < o > < u > e os grafemas consonantais < s > < z >, < ss/s >, sendo esses o objeto de pesquisa deste trabalho. Porém, por observar que há confusão no emprego dos grafemas consonantais sibilantes, < s > e < z >, entendemos que a pesquisa histórica desse fenômeno possa ajudar a melhor compreender as transformações da língua.

O objetivo geral deste trabalho é estudar historicamente a língua portuguesa quanto à sua grafia no século XVIII e auxiliar professores do ensino básico por meio da análise e levantamento de dados referentes aos documentos localizados no livro “Caminhando mato adentro”.

Pretende-se, por meio de um trabalho investigativo, contribuir para a geração de fontes para os estudos sobre a história da língua portuguesa, pois, a brevidade com que se explicam alguns fenômenos linguísticos e, entre eles, os grafemas vocálicos e consonantais, remete-nos à crença de que há lacunas na história e periodização do idioma.

Após a investigação e a comparação já propostos, deseja-se comprovar e/ou contradizer informações geradas sobre o português, pois a pesquisa baseada em documentação administrativa melhor representa as fases da língua por se tratar de documentos não literários, os quais devem estar de acordo com a “norma gráfica” do período.

Os anos de 1500 são conhecidos pelo pioneirismo de Portugal no comércio marinho e, no século XVIII, o Brasil ainda era sua colônia. Além disso, esse século se caracteriza por uma intensa relação entre a metrópole e a colônia, pois o comércio aurífero impulsionou o avanço de nossa colonização e, como disse Fernandes (2011, p. 176): “Trata-se, portanto, de uma exposição sobre a ação metropolitana na expansão dos domínios portugueses na América em princípios do século XVIII [...]”.

A existência do Conselho Ultramarino, o qual tinha por finalidades intermediar as relações entre colônia e metrópole. O território paulista foi separado de Minas Gerais por indicação desse conselho e foi nomeado Rodrigo Cesar de Menezes como governador do novo território, a Capitania de São Paulo. Essa separação é entendida como uma maneira de facilitar a administração do território colonial.

A descoberta das minas em Cuiabá contribuiu para o processo de avanço dos domínios portugueses na colônia, pois a região ocupada era de posseção duvidosa e, como o Tratado de Tordesilhas nunca teve sua delimitação precisa, Portugal aproveitou para se apropriar das minas. É nesse momento que entra a participação dos vários copistas que compõe o *corpus*, já que eles geraram importantes correspondências, isto é, documentação sobre a situação da Capitania e das minas auríferas. Esse é o ponto crucial para nossa investigação, pois a documentação revela a realidade histórica do período e o estado da língua e, a partir da análise desses documentos, pode-se contribuir para os estudos sobre a história do português do século XVIII e para o ensino do idioma com dados lingüísticos e históricos retirados de manuscritos setecentistas.

Portanto, a investigação de grafemas consonantais torna-se pertinente para a construção de fontes para os estudos históricos da língua, pois se trata de documentos não literários e, por isso, revelam o estado real da língua, ou seja, sem a artificialidade do texto literário. Além disso, o conhecimento dos processos que trouxeram as mudanças em nosso idioma é de grande valor para o seu ensino, porque explicar aos alunos o processo é gerar e lançar informações contextualizadas, o que facilita o aprendizado.

O trabalho situa-se na área de História da Língua Portuguesa e da Gramática Histórica com enfoque na ortografia da língua materna. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, analítica, prospectiva e com recorte filológico. Procura-se coletar informações através da identificação dos fenômenos linguísticos com maior ocorrência no *corpus*, isto é, da análise do uso dos grafemas consonantais sibilantes.

A leitura dos documentos é a primeira entre as etapas, visto que será a partir dela que comporemos o *corpus* da pesquisa. Em seguida, faz-se a separação dos documentos de acordo com o número de palavras para que tenhamos uma pesquisa com maior precisão, já que a coleta dos grafemas consonantais terá de respeitar a porcentagem de palavras em relação ao documento e ao autor. Assim, o número de ocorrências de um documento, considerando o estilo de escrita de seus autores, não irá interferir na porcentagem da mesma ocorrência em outro documento. Logo, teremos maior consistência em nossos resultados. Depois de realizado esse procedimento, iremos à análise das ocorrências.

Após a coleta e a análise, recorrem-se as obras de Madureira Feijó, Maria Filomena, Vanessa Marins Monte e outros que tratam a respeito da ortografia da língua portuguesa. Essa etapa é comparativa, pois os dados do *corpus* serão comparados com a teoria mencionada e com gramáticas atuais para a composição de nossa próxima etapa, a montagem de um quadro com os hábitos gráficos do período em questão, 1760 a 1778.

Ao final da pesquisa, serão disponibilizados os resultados do estudo, os quais podem comprovar ou contradizer informações sobre o estado da língua no século mencionado. Além de contribuir para os estudos sobre história de nossa língua e auxiliar professores, graduandos de Letras e alunos do ensino básico com informações comprovadas sobre o uso de grafemas consonantais. Sendo assim, teremos ferramentas de suporte para o ensino ortográfico da língua portuguesa

O trabalho será realizado em três capítulos, sendo o primeiro denominado de “visão histórica dos processos”, o qual será responsável por contextualizar historicamente a língua e as principais transformações pelas quais ela tem passado, isto é, considerar-se-ão aquelas que tiverem maior relevância para o estudo das sibilantes. Logo, tem-se uma visão periodizada sobre a língua. O segundo capítulo receberá o nome de “mudança e emprego das sibilantes <s> e <z> dentro do *corpus*”, já que será apresentado e comparado o uso dessas sibilantes dentro da língua portuguesa do século XVIII e com a amostra das ocorrências, relatadas no sub-tópico “Das ocorrências”. Então, o último capítulo fará um comparativo entre as “regras” que regiam a escrita das sibilantes durante o século em estudo. Portanto, teremos um capítulo que explora a história da língua, o primeiro; outro que explore as sibilantes e suas regras em período sincrônico; e o terceiro e último que fará a ligação, por meio da utilização dos dados já apresentados, entre as regras que se estabeleceram até o século XVIII, isto é, as regras de três gramáticas.

1. Visão Histórica dos processos

O estudo Histórico da Língua Portuguesa torna-se importante na medida em que pode contribuir para o esclarecimento dos processos relativos à evolução da grafia em Língua Portuguesa, pois, desde antes do século XVIII, já encontrávamos dificuldades na correta representação gráfica de algumas palavras. Tal dificuldade origina-se pela diversidade grafêmica na representação sonora, isto é, a existência de grafemas e fonemas dentro da Língua Portuguesa.

Não dificilmente somos postos em dúvida sobre a escrita dessa ou daquela palavra, como, por exemplo, o emprego de <s> ou <z> quando escrevemos as palavras “analisar”, “parabenizar”, “frisar”, “ridicularizar” e outras. Observou-se que os vocábulos mencionados alternam sua grafia ora com <s> ora com <z> e, caso não se tivesse um conhecimento linguístico advindo de visualizações de outras leituras, teríamos grafado erradamente os vocábulos. Portanto, vê-se que a Língua Portuguesa necessita de maior investigação em seus processos históricos, pois, como disse Gonçalves (1992, p. 39):

É óbvio que um sistema gráfico deste tipo, cujas unidades podem assumir aqueles valores, implica a existência de uma consciência etimológica e representa uma sobrecarga informativa que não está ao alcance de todos os indivíduos, mesmo quando alfabetizados.

Observou-se que a autora utiliza a expressão “cujas unidades podem assumir aqueles valores”. Tal expressão equivale às diferentes funções do grafema para o vocábulo, visto que a escolha gráfica entre <s> e <z> tem suas justificativas baseadas em processos históricos, independentemente se o valor em questão é etimológico ou não. Portanto, a escrita adquire o valor de representação documentada da memória, ou seja, ela passa a representar, graficamente, a memória histórica de uma cultura. Haury (2011, p.54) também nos fala sobre a confusão gráfica gerada através do emprego das sibilantes em estudo e, segundo ela, a confusão se originou depois do século XIII, durante a prosa arcaica ou segunda fase o português arcaico:

Na segunda fase do período arcaico, em que verdadeiramente se considera o português como língua nacional, distinta já do galego-português, a escrita apresenta-se, nos mais antigos textos em prosa, muitíssimo menos correta, simples e uniforme que na primeira fase. Os prosadores empregavam letras inúteis e confundiam os

símbolos velhos com os novos. Como havia muitos novos sons inexistentes e para os quais não se estabelecera uma tradição representativa, viram-se obrigados a inventar novas grafias. Trocavam também *c* e *ç*, *q* e *qu*, *ch* e *x*, *s*, *ss*, *ç* e *z*.

Já que estamos falando sobre períodos, acredita-se necessário fazer um percurso pela história da língua para localizarmos a problemática em questão. . Então, dá-se uma dimensão espacial seguindo a periodização proposta por Vasconcelos, Coutinho, Michaelis e Haug, na qual a língua portuguesa é dividida em *Época pré-histórica*, *Época proto-histórica* e *Época histórica* (HUAY, 2008, p.35). A saber, o nosso estudo localiza-se na *Época histórica*, a qual pode ser dividida em duas: a arcaica e a moderna. Logo, conforme verificado acima pelo dito de Haug, a confusão sobre a grafia nasce durante a transição de um sub-período da *Época histórica* ao outro.

No que diz respeito à história da Língua Portuguesa, é sabido por todos, indistintamente, que ela tem suas origens na mistificação do latim vulgar com as línguas crioulas das regiões conquistadas. Porém, é sabido por uma minoria o quando esse processo ocorreu, já que, até mesmo para aqueles que buscam uma periodização, é encontrado informações incapazes que determinar, precisamente, o término e o início dos elementos que caracterizam as fases da língua. Assim, baseando-se nessa dificuldade, procuraremos explorar, cuidadosa e brevemente, as características dessas fases, pois a compreensão delas significa um melhor entendimento no surgimento (dos fenômenos), uso (na fala) e emprego (na escrita) dos grafemas em estudo.

1.1 Da História da Língua

O latim era a língua oficial do Império Romano, o qual se tornou tão imenso que conheceu a divisão de Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente. Tal informação torna-se importante se considerarmos que a queda e inexistência dele tiveram como consequência o desaparecimento do latim clássico, pois, a partir desses acontecimentos, o latim vulgar melhor se mistificou com os crioulos das regiões conquistadas e assumiu uma nova forma.

[...] encerrava ele [o latim vulgar] não poucos arcaísmos, banidos da língua literária, a par de um numero de inovações ou empréstimos, que refletiam principalmente no vocabulário, em consequência das conquistas[...] contido durante muito tempo, em suas expansões naturais, pela ação dos gramáticos, [...] o latim

vulgar se expande livremente mais tarde com a ruína do Império Romano e o avassalamento dos seus domínios pelas hordas bárbaras, cuja conseqüência foi, e não podia deixar de ser, o fechamento das escolas e o desaparecimento da aristocracia, onde se cultivava as boas letras. (COUTINHO, 1973, p. 30)

Assim, o processo de queda do Império Romano tem grande importância no alastramento desse idioma. Porém, é preciso considerar, principalmente, os dialetos que a ele foram incorporados, já que será a partir dessa mistificação que teremos as línguas neolatinas e, dentre elas, a Língua Portuguesa.

Ressalta-se que a dependência política de uma região com a outra interfere na língua da subordinada, pois de acordo com Meyer-Lubke apud Coutinho (1973, p. 43-4):

[...] com efeito, enquanto um povo está politicamente sujeito a outro, mantém-se forte unidade lingüística[...] desde, porém, que se quebram os laços, começam as divergências no que diz respeito a língua. Estas se vão avolumando a proporção que os anos passam e diminuem as relações entre a antiga metrópole e a colônia. Como conseqüência lógica, impõe-se a criação de dialetos, que poderão transformar-se depois em línguas independentes.

Sendo assim, a nossa pesquisa, baseada em documentação administrativa colonial, reflete uma língua com maior influência daquela falada em Portugal. Porém, sabendo que a escrita era pautada na fala, a qual, por sua vez, já havia incorporado elementos dos dialetos falados na colônia, atribui à pesquisa o seu caráter descritivo. Assim, as considerações finais só terão valor se colocadas dentro da Gramática Histórica, porque, a partir dessa contextualização, será possível comparar os conhecimentos advindos dos fenômenos em estudo com as regras que regem a grafia deles na atualidade.

Diz-se que o idioma português é o latim vulgar com incorporações dos vários dialetos com os quais o idioma teve contato. Assim, supõe-se e, a certo ponto, entende-se a riqueza cultural desse idioma. Porém, como mencionado anteriormente, há pontos que não são tão claros nem fáceis de entender no que diz respeito à grafia e a compatibilidade sonora utilizada na escrita.

A história da Península é marcada pelo domínio ora dos fenícios, ora das línguas indígenas, ora dos *visigodos*, ora dos árabes. Portanto, tem-se uma região repleta de influências de diversas culturas e línguas e, como se sabe, a língua é o meio pelo qual representamos as diversas transformações sociais, ou melhor, ela passa a testemunhar todas as transformações sociais, ora absorvendo ou negando alguns valores. Assim, ora incorporando ora rejeitando léxicos e estruturas gramaticais.

A obra de assimilação[...] começou pelas cidades ou centros mais povoados, passando depois as aldeias e finalmente aos campos[...] os peninsulares acostumaram-se a ver nos conquistadores um povo mais forte e civilizado e, depois de uma resistência mais ou menos seria, quebrada afinal pela bravura e constância dos soldados romanos, adotaram finalmente a língua e costumes dos vencedores, numa palavra romanizaram-se. (COUTINHO, 1973, p. 48)

O início da conquista romana na Ibéria principiou-se nos anos de 193 a.C., porém a dominação só pode ser completada em 25 a.C., quando já havia os romanos conquistado toda a faixa ocidental da Ibéria.

Após a influência romana, chegou o momento dos bárbaros deixarem suas marcas em nossa cultura. Assim, por volta do século V da era cristã, esses povos de origem germânica invadiram e dominaram a Ibéria por três séculos, pois no ano 711 os árabes invadiram e dominaram o território que compreendia a região iberiana. Dessa maneira, o latim vulgar, já com modificações das línguas indígenas e góticas, incorporou aspectos do idioma árabe. Ressalta-se que “a cultura árabe era mais bem organizada e comprometida com as letras, as artes e a ciência do que o idioma latim com suas modificações o era”.(Idem, p.52)

É de importância para a história da formação do idioma português as *cruzadas* organizadas pelos cristãos para combater as invasões mulçumanas na Ibéria. Assim, os papas concediam terras aos valentes defensores da fé. Nesse período formam-se os reinos de Leão, Castela e Aragão e, dentre os fidalgos que participam das cruzadas no território ibérico, destaca-se D. Henrique, conde de Bergonha, pois através da valorização de suas conquistas que ele ganhará, do rei de Castela e Leão, o *Condado Portucalense*, futuro berço do galego-português.

Acrescenta-se que, embora tivesse um território independente da Galiza, o *Condado Portucalense* não detinha a autonomia política. No entanto, no ano de 1128 da era cristã o filho de D. Henrique, D. Afonso Henriques, toma o poder do Condado e se torna rei de Portugal. Assim, a partir de então, começa a independência política de Portugal na medida em que se conquistam novos territórios ao sul da península. Ressalta-se que a tomada de poder por Afonso Henriques marca a ruptura não só política com a Galiza, mas, também, a ruptura do galego-português enquanto idioma e o aparecimento do português enquanto língua autônoma.

Portanto, agora tem-se um visão mais precisa do fenômeno que caracterizou o surgimento, evolução e autonomia do português enquanto língua neolatina e, também, sobre seu poder enquanto língua oficial e independente das demais neolatinas. Logo, chegou o

século XVI, o das grandes navegações, esse país disseminará sua língua para as regiões conquistadas e atingirá seu ápice lingüístico.

1.1.2 Desenvolvimento do português enquanto língua oficial do Brasil

Poderíamos dizer que a história do português brasileiro se principia com a carta de Pero Vaz de Caminha. No entanto, ressaltamos que essa carta não representa o nosso português, já que nela está impressa a grafia portuguesa sem a participação das línguas nativas, a exemplo, o tupi. Porém, com o passar dos dias, esses escritores (concebidos aqui como aqueles que tinham o domínio da escrita) irão incorporar vocábulos das línguas locais.

E quem ler os escritos brasileiros dos séculos XVI e XVII- informantes, cronistas, missionários, naturalistas (Caminha, Gândavo, Gabriel Soares de Sousa, Frei Vicente do Salvador, Fernão Cardim, Anchieta, Manuel da Nóbrega, o autor do *Diálogo das Grandezas do Brasil*)- encontra em suas obras um documentário riquíssimo de vocábulos de origem tupi e de procedência africana, que se incorporaram ao léxico da língua portuguesa. Dentre inúmeras línguas indígenas faladas na terra de Santa Cruz, preponderava o *tupi* ou *tupi-guarani*, da qual aparecem as primeiras gramáticas [...] (SPINA, 2008, p. 296)

Em contrapartida ao que se pense, a história da colonização do Brasil e do desenvolvimento da escrita em território brasileiro só ocorrerá a partir de 1532, período que surgirão as quinze capitanias hereditárias, pois, dada a criação delas, principiará uma produção manuscrita e documental sobre a região descoberta. Assim, haverá a constituição de nosso idioma através da mistificação do português europeu com as línguas indígenas, ou melhor, a tupi, já que essa era a língua geral de nosso país até o ano de 1758.

Os anos de 1757 e 1758 são marcados por várias mudanças no cenário brasileiro e, dentre elas, destaca-se a chegada de imigrantes portugueses que estavam seduzidos pelas minas de ouro e diamante; a expulsão dos jesuítas; a criação de um Diretório pelo Marquês de Pombal, a qual proibia o tupi como língua geral da região e colocava o português europeu para substituí-la. No entanto, desde a chegada, em 1500, ao início da colonização e o da expressão gráfica, em 1532, até o ano de 1758, criação do Diretório, a língua já havia adquirido novas feições fônicas, lexicais e estruturais. Logo, não contávamos como o português europeu, mas com um português mistificado, “indianizado” e visto como produto

da relação entre imigrantes portugueses, negros trazidos como escravos e índios originários da colônia.

Destaca-se que nos anos de 1808 houve maior produção escrita no Brasil-colônia, já que se sentiu a chegada de D. João VI e mais de 15 mil imigrantes lusitanos na colônia. A esse fato acrescenta-se o “novo olhar” que o Brasil recebeu, pois, a partir da vinda de D. João VI, tem-se os portos brasileiros abertos para a negociações marítimas; um progresso cultural dado pela instalação da imprensa e o incentivo advindo pela criação dos bancos.

As invasões francesas obrigaram o príncipe regente, que, em 1816, se tornara rei de Portugal, a refugiar-se no Brasil. Faz do Rio de Janeiro a capital da monarquia de Bragança, abre o Brasil ao mundo exterior e toma iniciativas que irão acelerar o seu progresso material e cultural (TEYSSIER, 2004, P. 96)

Os dados históricos apresentados acima são importantes para a história da formação do português do Brasil porque ocorreu, no ano de 1822, a independência brasileira e, com ela, a negação dos valores culturais da metrópole, ou seja, a valorização de tudo que distingue o Brasil de sua antiga metrópole e, em especial, as raízes indígenas.

Independente em 1822, o Brasil vai, naturalmente, valorizar tudo o que o distingue da antiga metrópole, particularmente as suas raízes indígenas. Deixar-se-á influenciar pela cultura da França e acolherá também imigrantes europeus de nacionalidade diversa da portuguesa[...] (Idem, p. 96 e 97)

Assim, surgiu um português com suas peculiaridades, isto é, uma língua que já havia passado por algumas modificações desde o seu aparecimento na península Ibérica e, agora, assume novas particularidades por meio do contato com as línguas do território brasileiro e com aquelas trazidas pelos imigrantes europeus, já que após a independência, o Brasil recebeu nacionalidades diversas.

2 Mudança e emprego das sibilantes <s> e <z>, desvozeada e vozeada

2.1 Traços gráficos distintivos do galego-português para o português

Antes de ingressar na história dos processos de evolução e emprego das sibilantes, é necessário assinalar algumas das principais mudanças lingüísticas que se instauraram com a independência do *condado portucalense*, já que, a partir de então, surgiram as primeiras expressões escritas num idioma particular, o galego-português. Assim, no que diz respeito ao desenvolvimento desse idioma e ao aparecimento das primeiras peculiaridades que o diferenciaria dos demais, o castelhano e o leonês, pode-se citar três: a substituição dos grupos *cl*, *pl*, *fl* por *ch*; a queda do *l* e do *n* intervocálicos.

Os tres séculos passados entre a chegada dos germânicos à Península (409) e a dos mulçumanos (711) não nos deixam qualquer documento lingüístico. Mas a linha geral da evolução não admite dúvidas. Vê-se acelerar a deriva que transformará o latim imperial em proto-romance, e aparecem certas fronteiras lingüísticas. Uma dessas fronteiras é a que vai separar os falar ibéricos ocidentais., donde sairá o galego-português, dos falares do centro da Península, donde sairão o leonês e o castelhano. (TEYSSIER, 2004, p. 13)

A primeira das peculiaridades ou “fronteiras” se relaciona diretamente com nosso estudo, pois, futuramente, houve a substituição da consoante inicial, seguida de *l* palatal, pela africada [*ts*]. A exemplo:

- 1) Enquanto em castelhano se escrevia *llave* em galego-português tivemos *chave*; *llama* > *chama*; *llaga* > *chaga*.

A segunda, a queda do *l* intervocálico, ocasionou o surgimento de vogais dobradas ou alguns hiatos.

A exemplo:

salire > *sair*, *palatiu* > *paço* que hoje se diz *paço*; *nebula* > *névoa*;
colore > *coor* > *cor* e outros.

Ressalta-se que as observações e exemplos acima citados foram realizados por Teyssier, nas páginas 16 e 17 do livro “História da Língua Portuguesa”, de 2004 conforme

exposto na bibliografia. Assim, numa reflexão sobre essas mudanças, passamos a entender melhor o porquê de algumas das semelhanças entre o português e o espanhol, tais como: *lleno* > *cheio*, *llegar* > *chegar e llavero* > *chaveiro*.

A extinção da escola literária galego-portuguesa, por volta do ano de 1350, e o deslocamento do centro de gravidade para o sul de Portugal, trazem a separação entre galego-português e português propriamente dito, pois, a partir desse momento, haverá uma produção escrita diferente daquela cultivada pela antiga escola literária, a galego-portuguesa. Assim, o idioma passará por algumas mudanças, as quais, de acordo com Teyssier (2004, p. 29):

[...] apesar das suas imprecisões e incoerências, a grafia do galego-português medieval aparece como mais regular e ‘fonética’ do que aquela que prevalecerá anos mais tarde.

A “irregularidade” gráfica, citada por Teyssier, irá permanecer até o ano de 1536, ano que surge a primeira *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira. Porém, torna-se necessário considerar duas informações: o ensino não era acessível a todas as camadas sociais e já existia um centro cultural em Portugal, isto é, o centro de gravidade do reino, o eixo Coimbra-Lisboa. Portanto, a não correspondência entre fonética e grafia não irão desaparecer, ao contrário, irão propagar-se ainda mais através das conquistas ultramarinas.

No que diz respeito ao processo evolutivo das sibilantes, as quais são objetos de estudo desta pesquisa, pode ser dito que em português antigo havia dois sons parecidos e não idênticos, ou seja, *s* ou *ss* e *ç* ou *c*. Essas letras eram utilizadas para representar, graficamente, o som surdo sibilante nas palavras. No entanto, o processo evolutivo que trouxe a discordância quanto ao emprego desses sons pode está relacionado com a apropriação da língua portuguesa por outras culturas, isto é, a incorporação de palavras portuguesas por outros idiomas. A exemplo desse processo pode ser citado o estudo de Ali (1971, p.49):

É singular que vocábulos como *çoçobrar*, *açucar*, *çapato*, *çujo*, *çarça* e outros que não tem que ver com a evolução fonética latina, se escrevessem geralmente com *ç*. Quando o termo era tomado a idioma estrangeiro, nem a pronúncia seria tal que não houvesse lugar para o emprego da letra *s*. Verdade é que nos nomes buscados a Ásia e a África no séculos XV e XVI a dúvida aparecia: *Massuá* ou *Maçuá*, *Çamorim* ou *Samorim*, *Çingapura* ou *Singapura*[...] qualquer que fosse a causa da primitiva distinção entre as referidas letras, certo é que *s* e *ss*[...] *ç* ou *c*[...] representam, em português moderno, um só fonema, a sibilante surda[...]

Ainda comentando sobre o processo de mudança desses sons, Paiva (2008, p. 177) diz que a não existência de teorizadores, gramáticos, durante o século XV leva-nos a tomar como

base as formas ortográficas documentadas em obras de edição fidedignas, isto é, a grafia de até então tinha como referência grafias anteriores ao atual estado daquele período da língua portuguesa. Sendo assim, comprova-se que desde seus primórdios a grafia portuguesa se mantém distante da realidade fonética. Logo, não dificilmente supõe-se que o surgimento das gramáticas no século XVI será insuficiente para comportar essa realidade fonética e, por vez, necessária para normalizar as expressões escritas, ou melhor, uniformizar a expressão. Considera-se que a escrita era o principal meio de comunicação e expressão vigente e, partindo desse conceito, tornava-se necessária a uniformização.

Os gramáticos do século XVI sentiam a necessidade e, *grosso modo*, pressentiam a confusão que se estabeleceria nos séculos posteriores. Assim, Fernão de Oliveira apud Paiva rezava (2008, p. 178): “[...] quando pronunciamos o *s*, levantamos a ponta da língua para o céu da boca e o espírito [ar] assobia pelas ilhargas [lados] da língua, [ao passo que a] pronúncia do *z* zine entre os dentes cerrados[...]”.

No entanto, não se pode cobrar que uma gramática comporte, além dos processos evolutivos de sua língua, as diferentes influências que essa mesma língua sofrerá por diferentes idiomas. Em outras palavras, seria tarefa muito aquém que as gramáticas do século XVI comportassem as transformações pelas quais a língua portuguesa estava passando: afirmação de língua autônoma, deferente da galego-portuguesa, sua antecessora e sistematização que respeitasse, além de suas diferenças dialetais, as idiossincrasias trazidas por influências das línguas além-mar. Portanto, é óbvio que a gramática daquele período não seria suficiente para dar conta da realidade fonética do período, porque, afinal, é a língua um organismo vivo capaz de adotar ou rejeitar valores.

2.2 Das regras gramaticais do período

Como representante da norma culta do período, tomou-se como base a obra *Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina, ou disposição para facilitar o ensino da língua Latina pelas regras da Portuguesa*, do padre Jeronymo Contador de Argote. Escolheu-se essa gramática porque ela foi publicada em 1725, ou seja, as regras de grafias contidas nela são aquelas que regem a escrita dos documentos do *corpus*. Assim, a gramática sucessora, de Jeronimo Soares Barboza, foi publicada no ano de 1822, isto é, data posterior aos nossos documentos. Além disso, a gramática de Fernão de Oliveira ensinava a pronúncia das letras sem estarem em contexto silábico, ou melhor, ensinava como as letras deveriam ser pronunciadas separadamente, sem considerar a alteração do som quanto elas estivessem interligadas com outras. No entanto, isso não quer dizer que Oliveira não rezasse em sua gramática a articulação que as letras assumem em contexto silábico, já que havia em sua obra o ensinamento de pronúncia de sílabas. Assim, diz-se que Oliveira se fez didático e ensinou a pronúncia das letras e depois das sílabas.

Portanto, será considerada a gramática de Jeronymo como normativa do período, mas, ainda assim, não se desconsiderará os ensinamentos das gramáticas anteriores, a de Fernão de Oliveira e a de João de Barros.

A gramática eleita como de base para o *corpus*, de Jeronymo Contador de Argote, é construída em forma de diálogo, ou melhor, o mestre e seu aprendiz conversam enquanto o primeiro faz menções de valores sobre o como “escrever com acerto” a língua. Assim, transcreveremos o início do capítulo: “Tratado breve da Orthografia da Língua Portuguesa”.

Mestre, que couza é orthografia? D. He a arte de escrever as palavras e orações com acerto/ M. E que couza he isto? D. he escrever as palavras e orações com as letras, e pontuação, com que se deve./ M.E que couza he letra? D. He uma figura, que representa o som, que devemos fazer com a boca para a pronunciar” (ARGOTE, 1725, p. 341-42)

Sendo assim, percebemos que até o próprio ensino do período era baseado na fala, aliás, durante a leitura da obra não se observa, em momento algum, o mestre ordenando o aluno a anotar aquilo que é dito. Porém, não se pode categorizar que todos aprendiam da mesma maneira, ou seja, trata-se apenas de uma inferência dada pela observação e leitura da

gramática escolhida para representar a normatividade da época. Portanto, quer-se dizer que a língua tinha a predominância da fala sobre a escrita, mas que, desde sempre, existia uma preocupação com a correspondência entre fala e escrita.

2.2.1 Emprego de *c*, *ç* ou *s*

No que diz respeito ao emprego da letra <c>, Argote nos diz que quando o <c> pega a letra <e> e <i>, ela tem som de <s>. Além disso, quando o <c> pega as letras <a>, <o>, <v>, ela tem som diverso da letra <s>. No entanto, quando a letra <c> pega a letra <a>, <o> e <v> e tem por baixo um plica, passa a ter o som de <s>. (ARGOTE, 1725, p. 44-45)

Ex. C antes de <e> e <i>: Céu, cinto, cerca, cercado, cerrado e outros;

Ex. C “pegado” as letras <a>, <o> e <v>: camelo, coco, cura, cuca, calma.

Ex. C “pegado” as letras <a>, <o> e <v> que tem por baixo uma plica: moço, moça, doçura.

Argote não se atenta ao som isolado das letras. Porém, Oliveira ensina:

Ç esta letras c com outro c embaixo de si virado para trás [...] tem a mesma pronunçiação que <z> senão que aperta mais a língua entre os dentes [...] o C pronuncia-se dobrando a língua sobre os dentes que fazendo um certo lombo no meio dela[...] quase chegando com esse lombo da língua ao céu da boca e impedindo o espírito [a passagem de ar], o qual por força aperta a língua e quebra os beiços com ímpeto. (OLIVEIRA, 1540, p. 11-2)

Já em João de Barros (1560, p. 95), gramático situado entre Fernão de Oliveira e Jeronymo, vê-se uma regra condizente com a gramática de base desse estudo, isto é, mais próxima, pois o C, sem plica, sempre tem som de <k> e <q> antes das vogais <a>, <o> e <u>. Porém, o <ç> pode ser posto diante de todas as vogais, inclusive antes de <e> e <i>. Então, o <c> “com uma plica” deixa de ter valor de <k> e <q> e assume o som desvozeado do <s> em todas as vogais e não apenas antes de <a>, <o> e <v>.

Portanto, após observar o que rezavam os três gramáticos, entende-se que o <c> ensinado por Oliveira não é o mesmo que assume o som de <k> e <q> em Barros, pois ao se pronunciar esse sons (k/ q) a língua não encontraria os dentes cerrados. Além disso, os ensinamentos de Barros e Argote, até certo ponto, não se contradizem, já que esse não vê a necessidade de se por <c> com plica antes das vogais <e> e <i>; enquanto aquele não

considera o som desvozeado do <c> sem que haja uma plica. Assim, as três gramáticas não dão conta de explicar o fenômeno de uso do som desvozeado, ou melhor, elas não estão de acordo quanto ao uso de <c> com plica (som desvozeado) e ao emprego de <c> com som de <k> e <q>.

A tabela a seguir apresenta a normatividade defendida por Argote, na qual o emprego do Ç ou “letra C que tem por baixo uma plica” deve ser posta antes de <a>, <o> e <v>. Assim, apresenta a sonoridade é de um S. Logo, moço corresponderia sonoramente a *moso; doçura à *dosura; poço a *poso e outros.

Portanto, do emprego de C, Ç ou S tem-se:

Grafema	Quando se deve empregá-lo?	A que som ele corresponde?
C	Antes de A, O e V	Possui som de k
Ç	Antes de A, O e V	Som de sibilante surda
S	Antes de E e I	Som de sibilante surda

2.2.2 Uso de S, SS e Z

No tangente a letra <s>, diz Argote (1725, p. 345): “a letra <s> tem em muitas palavras o som de <z> e o <z> no fim das palavras tem som de <s>”. Porém, não explica como devem ser pronunciadas as duas letras. Logo, faz-se necessário recorrer a Oliveira para entender melhor o dito.

S [...] quando a pronunciamos elevamos a ponta da lingua para o céu da boca e o espírito [passagem de ar] assovia pelas ilhargas da língua. O SS pronuncia-se como outro pegando mais o céu da boca [...] o Z zine entre os dentes com língua chegando a eles e os beiços apartados um do outro[...] (OLIVEIRA, 1536, p.12)

Em relação a “SS”, Argote (1725, p. 347) diz que o dobrar de <s> é, em alguns casos, apenas para mostrar a origem da palavra. Logo, a segunda não é pronunciada e, por isso, permanece desvozeada.

O terceiro gramático, João de Barros, relata que a língua portuguesa possuía “dois tipos de <s>, um maior e com haste e outro menor, sem haste. Conforme esse, o <s> maior e com haste era empregado em princípio e meio de palavras; já o <s> menor e sem haste era posto apenas em fim de palavras”. (BARROS, 1560, p.100)

Portanto, dizemos que as regras de Barros quanto ao emprego dos <s> era clara. No entanto, os ensinamentos de Argote são insuficientes para diferenciar qual das letras se deve empregar. Então, recorreu-se a Oliveira para melhor compreender o som das letras <s>, <ss> e <z>. Além disso, foi graças a este último gramático que se descobriu que o <z> possui som vozeado, visto que o <z> zine.

Em outras palavras, não se conseguiu estabelecer uma ligação entre as regras das três gramáticas, pois Oliveira nos ensina o som de cada letra; Barros diz que temos dois tipos de <s>, um empregado em início e meio e outro empregado ao fim; Argote apenas considera a existência de <s> e <z> e verifica que em certos momentos possuem mesmo som. Então, Argote desconsidera a diferença de pronúncia assinalada por Oliveira e Barros concebe a existência de dois <s>, um maior e outro menor, os quais não são vistos nos ensinamentos de Argote nem de Oliveira. Logo, não foi possível estabelecer um paralelo ou regra comum entre os três estudiosos.

2.3 Das ocorrências

A análise do material do *corpus* nos permitiu elaborar um quadro com as ocorrências das sibilantes em estudo. Logo, passa-se à exposição para que se tenha uma noção mais precisa do fenômeno em análise.

Durante a leitura da tabela, deve-se considerar a ordem dos “títulos”, isto é, deve-se lê-la da seguinte maneira.

O vocábulo “x” ocorre em documento (doc.) “b” tantas vezes (número ocorrências ou oc.). Esse documento “b” foi escrito nos anos “c” pelo autor “d”. A maneira que o autor “d” escreve é igual em todos os documentos. Porém, adverte-se que havia diferentes grafias para um mesmo vocábulo em um mesmo período ou, até mesmo, diferente grafia de um mesmo vocábulo pelo mesmo autor. Portanto, torna-se o título “Diferentes grafias” tão importante para a identificação de possíveis desvios ou grafias diferentes. Há, além desse, o título “Observações”, o qual trará informação gráfica sobre a correta escrita daquele vocábulo para aquele período.

Por fim, a informação de “correto” ou de “desvio” estará baseado no dicionário de Rafael Bletheau, isto é, um dicionário que traz a correta grafia de vocábulos daquela época.

Vocábulo	Doc./ ocorrência	Ano	Autor do doc.	Diferentes grafias?	Observações
Praça	Doc. 1/ 4 oc	1760	Manuel M. Santos	Não.	Vide regra. Sem dificuldade na grafia.
	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Não.	
	Doc. 6/1 oc	1763	Antonio Rocha	Não.	
Ação	Doc.1 / 2 oc	1760	Manuel M. Santos	Não.	Vide regra.
Serviço(s)	Doc.1/ 3 oc	1760	Manuel M. Santos	Não.	Vide regra.
	Doc. 8/ 3 oc	1764	Miguel Brum	Não.	
		Doc.13/ 2 oc	1775	Joze Ignacio	
	Doc.26/ 2 oc	1776	Antonio Oliveira	Não.	
Percizo	Doc. 1/ 2 oc	1760	Manuel M. Santos	Sim.	A formar “percizo” não consta no dicionário do período. E, também, já se escrevia com <s>
Precizo	Doc. 2/ 1	1761	Gomes Andrada	Assinaladas em “vocábulos”.	
Precizo	Doc. 14/ 2 oc		Antonio Mourão		
	Doc. 15/ 1 oc		Martim Lobo		
Perçizo	Doc. 16/ 1 oc	1776	Ioseph Pereira		
Defença	Doc. 1/1 oc	1760	Manuel M. Santos	Não.	Não encontrado no dicionário.
Remuneração	Doc.1/ 1 oc	1760	Manuel M. Santos	Não.	Conforme regras do período.

Circunstancias	Doc. 1/1 oc	1760	Manuel M. Santos	Não.	Não visto no dicionário
Incertas	Doc. 1/1 oc	1760	Manuel M. Santos	Não.	Não encontrado no dicionário
Despeza	Doc. 1/1 oc	1760	Manuel M. Santos	Não.	Em acordo
Acazo	Doc. 1/ 1 oc.	1760	Manuel M. Santos	Não.	Não encontrado dicionário.
Cauzas	Doc. 2/ 1 oc	1761	Gomes Freire de Andrada	Não.	Não encontrado dicionário.
Diocezano	Doc. 2/ 1 oc	1761	Gomes Freire de Andrada	Não.	Não encontrado dicionário.
Iezuitas	Doc. 2/ 1 oc	1761	Gomes Freire de Andrada	Não.	Grafia antiga.
Guizamento	Doc. 2/ 1 oc	1761	Gomes Freire de Andrada	Não.	Rezada escrita com <s>, não <z>.
Vensimento	Doc. 2/ 1 oc	1761	Gomes Freire de Andrada	Não.	Rezado com <c>.
Principio	Doc. 2/ 1 oc	1761	Gomes Freire de Andrada	Não.	Ok.
Firmesa	Doc. 2/ 1 oc	1761	Gomes Freire de Andrada	Não.	Escrito com <z>.
Nascimento	Doc. 3/1 oc	1761	Autor não identificado.	Não.	Ok.
secenta	Doc.3/ 1 oc	1761	Autor não identificado.	Sim.	Escrito com <ss>.
prezente	Doc.3 /2 oc	1761	Autor não identificado.	Sim.	Aceito com <s>, apenas.
prezente	Doc.13/2 oc	1775	Joze Ignacio		
prezenca	Doc.13/1 oc	1775	Joze Ignacio	Não.	Aceito com <s>, apenas.
Prezença	Doc.15/1 oc	1775	Martim Lopes		
mimozos	Doc.3/2 oc	1761	Autor não identificado.	Não.	Aceito com <s>, apenas.

Fazenda	Doc.3/7 oc	1761	Autor não identificado.	Não.	Ok. Em acordo.
Fazenda	Doc.14/2 oc	1775	Luis Antonio		
clausula	Doc.3/2 oc	1761	Autor não identificado.	Sim.	Ok.
vezinha	Doc.3/1 oc	1761	Autor não identificado.	Não.	Ok. Em acordo.
vizinha	Doc.13/1 oc	1775	Joze Ignacio		
judicial	Doc.3/2 oc	1761	Autor não identificado.	Não.	Ok. Em acordo.
razaõ	Doc.3/1 oc	1761	Autor não identificado.	Não.	Ok. Em acordo.
concebido	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Ok. Em acordo.
clareza	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Ok. Em acordo.
cazos	Doc.7/4 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Aceito cm <s>, apenas.
cazo	Doc.13/4 oc	1775	Joze Ignacio		
dispozição	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Rezado com <z>.
excluziva	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Regido com <s>.
pozitiva	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Regido com <s>.
rigoroza	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Não encontrado no dicionário.
concelho	Doc.7/4 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Em acordo com grafia da época.
Concelho	Doc.14/1 oc	1775	Luis Antonio		
recuzar	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Admitido com <s>, apenas.
Prezidente	Doc.7/1 oc		Antonio Furtado	Não.	Admitido com <s>, apenas

representaçoes	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Aceito com <s>.
dezobediencia	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Não.	Aceito com <s>.
dezobediencia	Doc.13/1 oc	1775	Joze Ignacio		
prezo	Doc.7/1 oc	1764	Antonio Furtado	Sim.	Aceito com <s>.
Alteza	Doc.8/1 oc	1764	Miguel d'Arriaga	Não.	Ok. De acordo com período.
incluza	Doc.8/1 oc	1764	Miguel d'Arriaga	Sim.	Regido com <s>.
incluza	Doc.12/1 oc	1775			
concideraçãõ	Doc.8/1 oc	1764	Miguel d'Arriaga	Não.	Regido com <s>.
concideraçãõ	Doc.8/1 oc	1764	Miguel d'Arriaga	Não.	Regido com <s>.
Licença	Doc. 8/ 1 oc		Miguel d'Arriaga	Não.	Ok.
prezo	Doc.8/1 oc	1764	Miguel d'Arriaga	Sim.	Regido com <s>.
Prezos	Doc.12/1	1775	Agostinho Delgado		
prizam	Doc.12/ 1 oc	1775	Agostinho Delgado	Sim.	Regido com <s>.
prizaõ	Doc.12/ 1 oc	1775	Agostinho Delgado		
remiçãõ	Doc.12/ 1 oc	1775	Agostinho Delgado	Não.	Rezado com <ss>, não<ç>.
expulso	Doc.12/ 1 oc	1775	Agostinho Delgado	Não.	Ok.
perniciozas	Doc.12/ 1 oc	1775	Agostinho Delgado	Não.	Regido com <s>.
fazemos	Doc.12/ 1 oc	1775	Agostinho Delgado	Não.	Ok.
Cauzava	Doc. 10/1 oc	1768	Ioaõ Rodrigues	Não.	Regido com <s>.
necessario	Doc. 10/1 oc	1768	Ioaõ Rodrigues	Não.	Ok.
necessaria	Doc. 12/1 oc	1775	Agostinho Delgado	Não.	

Meza	Doc. 10/1 oc	1768	Ioaõ Rodrigues	Não.	Admitia-se as duas formas, ora <s>, ora <z>.
Dezembargador	Doc. 12/2 oc	1775	Agostinho Delgado	Não.	Regido com <s>.
prezente	Doc. 12/1 oc	1775	Agostinho Delgado	Sim.	Regido com <s>.
necessidade	Doc. 14/1 oc	1775	Luis Antonio	Não.	Ok.
sentenciados	Doc.12/1 oc	1775	Agostinho Delgado	Sim.	Não encontrado dicionário.
dezerção	Doc.13/1 oc	1775	Joze Ignacio	Não.	Regido com <s>.
rezistencias	Doc.13/1 oc	1775	Joze Ignacio	Não.	Regido com <s>.
defeza,	Doc.13/1 oc	1775	Joze Ignacio	Não.	Admitido com <s> ou <z>.
reduzido	Doc.13/1 oc	1775	Joze Ignacio	Não.	
Processo	Doc.13/2 oc	1775	Joze Ignacio	Não.	
Devaças	Doc.13/1 oc	1775	Joze Ignacio	Não.	Rezava-se com <ss>.
Caza	Doc.14/3 oc	1775	Luis Antonio	Sim.	
inteireza	Doc.14/1 oc	1775	Luis Antonio	Não.	Vide regra.
Thezoureiro	Doc.14/2 oc Doc.29/1 oc	1775	Luis Antonio	Não..	Escrita admitida com <s>.
auzencia	Doc.14/1 oc	1775	Luis Antonio	Sim.	Escrita admitida com <s>.
dispozição	Doc.14/1 oc	1775	Luis Antonio	Não.	Escrita admitida com <s>.
Coizas	Doc.14/1 oc	1775	Luis Antonio	Não.	Grafia moderna: “couza”.

Depozitario	Doc.14/1 oc	1775	Luis Antonio	Não.	Escrita admitida com <s>.
quazi	Doc.14/1 oc	1775	Luis Antonio	Não.	
Prezença	Doc.15/1 oc	1775	Martim Lopes	Sim.	Escrito com <s>
Licenciado	Doc. 16/1 oc		Ioseph Pereira	Sim.	Vide gramática.
prinçipio	Doc.16/1 oc		Ioseph Pereira	Sim.	Não aceito com <ç>, mas com <c>.
exprienças	Doc.16/2 oc	1776	Ioseph Pereira	Sim.	Desacordo com norma período.
razaõ	Doc.16/1 oc	1776	Ioseph Pereira	Não.	
extençaõ	Doc. 16/1 oc	1776	Ioseph Pereira	Sim.	Escrita com <s>
paresser	Doc. 16/1 oc	1776	Ioseph Pereira	Sim.	Posto <ss> em lugar de <c>
aSertado	Doc. 16/1 oc	1776	Ioseph Pereira	Não.	Rezava-se com <c>. Desvio.
reprezento	Doc. 16/1 oc	1776	Ioseph Pereira	Sim.	Grafia admitida com <s> e não <z>.
estende	Doc. 16/1 oc	1776	Ioseph Pereira	Sim.	Em desacordo.
felliçite	Doc. 16/1 oc	1776	Ioseph Pereira	Não.	Escrito com <c> , não <ç>.
Licenciado	Doc. 17/1 oc	1776	Ioze Pereira	Sim.	Ok. Em acordo.
emobservança	Doc. 17/1 oc	1776	Ioze Pereira	Não.	Sem <ç> e escrita admitia <c>.
prezumia	Doc. 17/1 oc	1776	Ioze Pereira	Não.	Com <s>.
experiencias	Doc. 17/1 oc	1776	Ioze Pereira	Sim.	Ok.
prossimo	Doc. 18/1 oc	1776	Diogo Dias	Sim.	Escrita com <x>.

esprienssia	Doc. 18/1 oc	1776	Diogo Dias	Sim.	Admitido <c>. Em desacordo.
prinssipriaraõ	Doc. 18/1 oc	1776	Diogo Dias	Não.	Rezado com <c>.
mandassemos	Doc. 18/1 oc	1776	Diogo Dias	Não.	Ok.
Suspençam	Doc. 18/1 oc	1776	Diogo Dias	Não.	Ok.
izeCussaõ	Doc. 19/1 oc	1776	Francisco Xavier	Não.	Regido com <ç>.
aiLeisaõ	Doc. 19/1 oc	1776	Francisco Xavier	Não.	Regido com <ç>.
puzemos	Doc. 19/1 oc	1776	Francisco Xavier	Não.	Não encontrado no dicionário.
asistido	Doc. 19/1 oc	1776	Francisco Xavier	Não.	Regido com <ss>.
aperuensaõ	Doc. 19/1 oc	1776	Francisco Xavier	Não.	Regido com <ç>.
Prezidente	Doc.20/ 1 oc	1776	Rafael Oliveira	Não.	Com <s>. Em desacordo.
Offiçiais	Doc.20/ 1 oc	1776	Rafael Oliveira	Sim.	Com <c>.
Ordenaçaõs	Doc.20/ 1 oc	1776	Rafael Oliveira	Não.	Não aceito com <ç>. Regido com <ss>.
noços	Doc.20/ 1 oc	1776	Rafael Oliveira	Sim.	Não aceito com <ç>. Regido com <ss>.
Roza	Doc.20/ 1 oc	1776	Rafael Oliveira	Não.	Ok. Admitido com <z>.
pasa	Doc.20/ 1 oc	1776	Rafael Oliveira	Sim.	Regido com <ss>.
adeverça	Doc.20/ 1 oc	1776	Rafael Oliveira	Não.	Não encontrado.
pasa	Doc. 23/ 2 oc	1776	Diogo Dias	Sim.	Regido com <ss>.
Officiaes	Doc. 23/ 1 oc	1776	Diogo Dias	Sim.	Ok.

dezenpenharaõ	Doc. 23/ 1 oc	1776	Diogo Dias	Não.	Regido com <s>.
Neça	Doc. 23/ 1 oc	1776	Diogo Dias	Sim.	Regido com <ss>.
Vasallo	Doc. 24/ 1 oc	1776	Francisco Xavier	Sim.	Regido com <ss>.
eLeição	Doc. 24/ 1 oc	1776	Francisco Xavier	Não.	Ok.
quexa	Doc. 24/ 1 oc	1776	Francisco Xavier	Não.	Não encontrado dicionário.
Pesoa	Doc. 24/ 1 oc	1776	Francisco Xavier	Sim.	Regido com <ss>.
Nosso	Doc. 24/ 1 oc	1776	Francisco Xavier	Sim.	Ok.
circunstancias	Doc. 24/ 1 oc	1776	Francisco Xavier	Não.	Ok.
mizeraveis	Doc. 27/ 1 oc	1777	Ioze Ignacio	Não.	Regido com <s>.
pobreza	Doc. 27/ 1 oc	1777	Ioze Ignacio	Não.	Ok.
observasse	Doc. 27/ 1 oc	1777	Ioze Ignacio	Não.	Ok.
Prezença	Doc. 27/ 1 oc	1777	Ioze Ignacio	Sim.	Regido com <s>.
Ocaziaõ	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Não.	Regido com <s>.
proSedimentos	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Regido com <c>.
atrozes	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Não.	Ok.
reprezento	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Regido com <s>.
fassa	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Regido com <ç>.
acouza	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Não.	Regido com <s>.
pesuhidor	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Não.	Com <ss> e sem <h>.
auzentes	Doc. 29/ 2 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Regido com <s>.
Praça	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Não.	Ok.

benefício	Doc. 29/ 2 oc	1778	Ioseph Pereira	Não.	Ok.
Couzas	Doc. 29/ oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Regido com <s>.
dezejo	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Regido com <s>.
prosimos	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Regido com <x>.
pesoa	Doc. 29/ 3 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Rezado com <ss>
rezervando	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Rezado com <s>
fraqueza	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Não.	Ok.
vassalo	Doc. 29/ 1 oc	1778	Ioseph Pereira	Sim.	Ok
Faço	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Ok.
declaração	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Ok.
interpretaçoens	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Ok.
proximo	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Ok.
necessariamente	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Ok.
cazos	Doc. 5/ 4 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Rezado com <s>
dispozição	Doc. 5/ 2 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Rezado com <s>
uzarem	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Rezado com <s>
Condenação	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Ok.
fação	Doc. 5/ 2 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Ok.
prezentes	Doc. 5/ 2 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Rezado com <s>
peessoas	Doc. 5/ 2 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Ok.
Induzirem	Doc. 5/ 3 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Ok.

Concelheiro	Doc. 5/ 2 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Rezado com <s>.
concelhos	Doc. 5/ 4 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Rezado com <s>.
irremissivel	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Ok.
aconcelharem	Doc. 5/ 3 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Feito por analogia. Rezado com <s>
perniciozo	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Rezado com <s>
proceder	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Ok.
Rezoluçoens	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Não.	Rezado com <s>.
especial	Doc. 5/ 1 oc	1763	Ioze Ignacio	Sim.	Rezado com <s>.
especial	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Sim.	Rezado com <s>.
Relaçãõ	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Não.	Ok.
Reprezentarnos	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Sim.	Rezado com <s>.
ressaca	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Não.	Ok.
expressadas	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Não.	Ok.
prejuizo	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Sim.	Ok.
pençaõ	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Não.	Ok.
reservando	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Não.	Ok.
clauzulas	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Não.	Rezado com <s>
firmeze	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Não.	Ok.
presente	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Sim.	Rezado com <s>
conseder	Doc. 6/ 1 oc	1763	Antonio Rocha	Sim.	Admitido com <c>.
pesoas	Doc. 22/ 4 oc	1776	Cunha Pedrozo	Sim.	Rezado com <ss>

Cazas	Doc. 22/ 2 oc	1776	Cunha Pedrozo	Sim.	Admitido com <s>.
Prezidente	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Não.	Admitido com <s>.
Offiçiaiz	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Sim.	Admitido com <c>.
depozeta	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Não.	Admitido com <s>.
Leçençiado	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Sim.	Admitido com <c>.
Reçeita	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Não.	Admitido com <c>.
dezaçeiz	Doc. 22/ 4 oc	1776	Cunha Pedrozo	Não.	Admitido com <s>.
Caxorro	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Não.	Não verificada.
miudezas	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Não.	Ok.
EmSerramento.	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Não.	Admitido com <c>.
auzentes	Doc. 22/ 1 oc	1776	Cunha Pedrozo	Não.	Admitido com <s>.
reprezenta	Doc. 26/1 oc	1776	Antonio Oliveira	Não.	Admitido com <s>.
Uzança	Doc. 26/1 oc	1776	Antonio Oliveira	Não.	Admitido com <s>.
poderoso	Doc. 26/1 oc	1776	Antonio Oliveira	Não.	Ok.
conservar	Doc. 26/1 oc	1776	Antonio Oliveira	Sim.	Ok.
cazo	Doc. 26/1 oc	1776	Antonio Oliveira	Sim.	Admitido com <s>.
Ordenança	Doc. 26/1 oc	1776	Antonio Oliveira	Não.	Ok.
prezença	Doc. 26/2 oc	1776	Antonio Oliveira	Sim.	Admitido com <s>.
desordem	Doc. 26/1 oc	1776	Antonio Oliveira	Não.	Ok.
falcificassem	Doc. 26/1 oc	1776	Antonio Oliveira	Não.	Admitido com <s>.
cauza	Doc. 26/ 2 oc	1776	Antonio Oliveira	Sim.	Admitido com <s>.

caso	Doc. 26/2 oc	1776	Antonio Oliveira	Sim.	Ok.
------	-----------------	------	------------------	------	-----

Depois de observar os vocábulos na tabela acima, entende-se que, a maioria das palavras estivessem de acordo com a normatividade do período, pois, embora alguns vocábulos se apresentem com desvios, há a predominância no emprego de <c> antes de <e> e <i> com som surdo; <ç> antes de <a>, <o> e <v> também com som surdo; <c> sem plica antes de <a>, <o> e <v> com som de <k> e <q>. Ex: preciso, expecial, proceder, pernicioso, aconselharem, circunstancias, oficiais, experiencia, concelhos, licenciado; noça, ordenança, uzança, penção, relação,dispozição, faço, prezença; casa, cazo, couza, clauzulas, conceder, concelhos. Assim, esses vocábulos estão mais próximo daquilo que rezava a gramática de Argote.

Em relação ao <s> com som desvozeado não há muito o que se dizer, pois, como estudado, as regras para o uso dele não eram tão claras, isto é, se for considerada a definição de Argote. Porém, se for levado em consideração a definição de Oliveira, na qual o <s> tem seu som “assoariado” pelas ilhargas da boca, é possível dizer que o *corpus* apresenta uso dividido, já que ora o <s> é desvozeado (Asistido, estende, suspencam prosimo, necessidade) ora é vozeado (desordem, poderoso, clausula, firmeza).

Em contrapartida ao som desvozeado, o vozeado do <z> é muito marcado e, portanto, fica evidente que era esse grafema quem mais o representava, pois em todo o decorrer do *corpus* é ele quem assume o vozeamento. Têm-se, como exemplo, os vocábulos: cauza, prezença, cauzo, uzança, auzentes, representa, dispozição, rezervado, fraqueza, atrozes, roza, pobreza e outros. No entanto, é necessário assinalar a tendência do vozeamento do <s>, já que as palavras “caso”, “poderoso”, “reservando”, “clausula” e “firmesa” estão grafadas com <s> que, quando pronunciados, são vozeados.

Portanto, observa-se a normatividade de duas gramáticas, a de Argote para as desvozeadas e a de Fernão de Oliveira marcando a normatividade para o vozeamento. Logo, percebe-se que o passado tem sua importância na compreensão dos fenômenos, pois, embora não houvesse uma normatividade clara em Argote, os vocábulos vozeados se encontravam, predominantemente, grafados com <z>, que “zine”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa procurou-se entender o emprego das sibilantes <s> e <z>, vozeada e desvozeada, respectivamente. E, ao fim do processo de busca, entende-se que os resultados são insuficientes para dar conta dessa realidade da História da Língua, pois, mesmo que se tenha consultado gramáticas muito antigas, não foi possível estabelecer um paralelo entre as suas regras.

Por outra parte, não se pode descartar os resultados, visto que, embora sejam eles apenas uma parcela da história do fenômeno sibilante, surdo e sonoro, pode ser constatado que desde muito antes já se tinha um empate ou dificuldade para representá-los graficamente. No entanto, é preciso considerar que nos primórdios do idioma havia uma boa diferenciação quanto ao emprego desses sibilantes. Assim, relaciona-se essa instabilidade com os avanços ultramar, a descoberta e conquista de novos territórios e a mistificação entre a língua do dominador e a do dominado.

Portanto, é sob a perspectiva de se estudar historicamente esse fenômeno que o trabalho ganhou mais importância, uma vez que apresenta, ainda que sucintamente, a história da formação do idioma Português desde seus primórdios e permite um melhor entendimento das influências de outros falares e outras línguas dentro da formação do Português, pois, como foi visto, o português nem sempre foi português, mas antes galego-português. Noutra época, quando se afirmou como idioma diferente do galego e como representativo de uma nação, passou a incorporar palavras de idiomas distintos, as quais resultavam da relação metrópole-colônia.

Ressalta-se, ainda, que a carência teórica do tópico “Evolução e emprego das sibilantes <s> e <z>, desvozeada e vozeada”, dá-se pela brevidade com que as poucas gramáticas históricas tratam o tema, pela escassez de material nessa área de estudo e, principalmente, pela dificuldade de acesso aos poucos materiais disponíveis, já que a maioria deles se encontra em bibliotecas nacionais. Logo, comprova-se que a lingüística, praticamente, não tem obtido pesquisadores nem interessados em investigar os processos históricos pelos quais a língua tem passado e, portanto, ficam os poucos pesquisadores dessa área limitados. Assim, faz-se um apelo para o estudo histórico da língua, uma vez que o produto dele pode contribuir para a compreensão da realidade dos processos lingüísticos e,

através dessa compreensão, evitem-se os mesmos equívocos. Então, a Linguística Histórica poderá conhecer um maior progresso ao explicar seu passado.

REFERÊNCIAS

- ALI, S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1971.
- ARGOTE, Jerónimo Contador. **Grammatica filosofica da língua portugueza ou princípios de grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Lisboa: Academia real das sciencias, 1822.
- BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Portugal: Olyssipone, 1540.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário portuguez & latino: áulico, anotonimo, achitectonico...**Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.
- COUTINHO, Ismael de L. **Pontos de Gramática Histórica**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1973.
- FERNANDES, Luis H. Rodrigo César de Menezes e o papel da metrópole na incorporação das minas de Cuiabá à América Portuguesa (1721- 1728). **Ideias**, São Paulo, n.2, p. 175-195, jan./ jun. 2011.
- GONÇALVES, Maria F. **Maureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma História da Ortografia Portuguesa**. Lisboa: Ministério da educação, 1992.
- HAUY, Amini. **Notações Histórico-teóricas**. In: **Historia da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Ateliê, 2008, p. 21-141.
- MEGALE, Heitor; NETO, Silvio de Almeida; FACHIN, Phablo R. **Caminhando mato adentro: documentos do ouro do século XVIII**. São Paulo: Espaço Editorial, 2009.
- OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da linguagem portuguesa**. Lisboa: Casa irmão galharde, 1536.
- PAIVA, Dulce. **Século XV e meados do século XVI**. In: **Historia da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Ateliê, 2008, p.145-273.
- SILVA, Tais C. **Fonética e Fonologia do Portugues: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- SPINA, Sigismundo. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.